

ALGUNS ASPETOS DO CONTEXTO ASSISTENCIAL DO HOSPITAL DA IRMANDADE DOS CLÉRIGOS POBRES DO PORTO ENTRE O ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XVIII E MEADOS DO SÉCULO XIX

ANTÓNIO MIGUEL SANTOS*

O presente artigo pretende abordar alguns aspetos do contexto assistencial do Hospital da Irmandade dos Clérigos, tendo por base a obra *Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto (1754-1924). A memória dos doentes e profissionais de saúde*¹. Procurámos encontrar um objeto de estudo, em pleno século XXI, que apesar de visível ao nosso olhar quotidiano, permanecesse ainda invisível ao nosso conhecimento científico. Por este motivo a escolha recaiu sobre o Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto.

É igualmente necessário referir que inicialmente o horizonte temporal a ser considerado compreendia o período de 1754 a 1828, que corresponde respetivamente às datas de entrada e saída do último doente do Hospital da Irmandade dos Clérigos. Esta informação está de acordo com os dados fornecidos por Hernâni Bastos Monteiro na sua obra *Origens da Cirurgia Portuense*² como também no fundo documental do

* Mestre em História e Património, Ramo A: Estudos Locais e Regionais — Construção de Memórias, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. antoniomiguelsantos@gmail.com.

¹ Esta obra é uma Dissertação de Mestrado realizada no âmbito do Mestrado em História e Património, Ramo A: Estudos Locais e Regionais — Construção de Memórias, orientada pela Professora Doutora Helena Osswald, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Esta Dissertação foi a vencedora do Prémio Torre dos Clérigos Edição de 2016. Este Prémio é atribuído conjuntamente pela Irmandade dos Clérigos e pela Universidade do Porto. A cerimónia de entrega do galardão decorreu no dia 12 de dezembro de 2016 na Igreja dos Clérigos e contou com a presença do Presidente da Irmandade dos Clérigos Padre Américo Aguiar, do Ministro da Cultura Doutor Luís Filipe Castro Mendes, entre outras personalidades.

² MONTEIRO, 1926: 131-139. Antes da publicação da Dissertação de Mestrado, de toda a bibliografia pesquisada esta era a obra em que se podiam encontrar mais elementos sobre este Hospital tendo adicionalmente a virtude de terem sido obtidos a partir da perspetiva de um clínico.

Arquivo da Irmandade dos Clérigos do Porto com a designação *Enfermaria Entradas e Óbitos* que possui o registo de doentes até 1828. Contudo, no decorrer da investigação, foi possível encontrarmos o registo de mais um doente internado no Hospital em 1843 (veio a falecer) e também da admissão de Médicos e Irmãos da Irmandade nos anos de 1841, 1846 e 1866. No momento da admissão destes últimos era especificamente determinado que tinham como missão assistir aos Irmãos Enfermos no Hospital ou nas suas residências, e que, por essa razão, eram admitidos sem ter a necessidade de pagar um montante nesse momento. Assim, este artigo pretende também analisar a função assistencial deste Hospital.

A literatura científica em torno do meu objeto de estudo é escassa. Porém, estando numa fase inicial da investigação sustentamo-nos num conjunto de autores que nos permitisse elucidar um conjunto de conceitos e categorias, nomeadamente: pobreza, enfermidade, enfermo, medicina.

As leituras realizadas permitiram ainda constatar que, por um lado, neste período existiam vários Hospitais na cidade do Porto e, por outro, a Irmandade dos Clérigos não era uma exclusividade da cidade do Porto. O Padre Agostinho Rebelo da Costa, contemporâneo da construção do Hospital dos Clérigos, avançou com a indicação dos Hospitais existentes na cidade do Porto nessa época:

o Hospital Real, na Rua das Flores; o dos Expostos, na rua dos Caldeireiros; o dos Entrevados, em cima de Vila; o das Entrevadas, a Santo Ildefonso; o dos Lázaros, no Campo de S. Lázaro; o das Lázaras, que lhe está imediato; o das Velhas, na rua dos Mercadores.

Todos estes, como já se disse, pertencem à administração da Santa Casa da Misericórdia. Segue-se o de S. Crispim, na rua do mesmo nome; o das Mulheres Pobres, na rua da Biquinha; o dos Ingleses, em cima do Muro, que, dizem, se transfere para o sítio em que está o grandioso cemitério dos luteranos, calvinistas e protestantes, bem semelhante em magnificência e grandeza ao cemitério que têm em Lisboa; o da Senhora da Silva, na Ferraria de Cima; o dos Terceiros de S. Francisco, da Ferraria de Baixo; o da Senhora da Caridade, para os irmãos da sua Ordem³.

É também importante ter em consideração que noutras localidades existiam Irmandades semelhantes, designadamente em Guimarães, Amarante, Arcos de Valdevez, Vila Real de Trás-os-Montes, Viseu, Recife e Rio de Janeiro. Sendo que em Vila Nova de Gaia, na freguesia de Santa Eulália de Oliveira, que atualmente se designa por Oliveira do Douro, existia a Congregação da Oliveira fundada em 1679 pelo cônego

³ COSTA, 1945: 161-162.

António Leite de Albuquerque, cuja principal finalidade era a de prestar assistência aos clérigos pobres, cegos e doentes, tendo para isso fundado o Hospital de Nossa Senhora da Conceição.

Tendo estas considerações em perspetiva iniciou-se a investigação no Arquivo da Irmandade dos Clérigos do Porto⁴ no qual encontrei o corpo documental principal para a realização deste artigo. Constitui um repositório de memória notável da Instituição com um acervo documental imenso que demonstra a preocupação da Instituição na salvaguarda do seu património para gerações vindouras.

1. LIVRO DE ENTRADA NA ENFERMARIA

São muito escassas as obras que fazem referência à existência do Hospital dos Clérigos do Porto e são certamente muito poucas as personalidades que alguma vez tiverem oportunidade de verificar os documentos referentes a essa unidade hospitalar. Por esse motivo, a Figura 1 é referente ao *Livro de Enfermaria*, de forma a permitir que se possa ter uma noção do livro onde supostamente seriam registados todos os enfermos que necessitavam da assistência. De notar que se chama *Livro de Enfermaria*, mas no seu interior e em outros registos documentais aparece a designação de Hospital. São necessários estudos mais aprofundados para contabilizar em todos os documentos do Arquivo da Irmandade dos Clérigos o número de vezes que é referido Hospital ou Enfermaria de forma a ser possível chegar a uma conclusão definitiva.

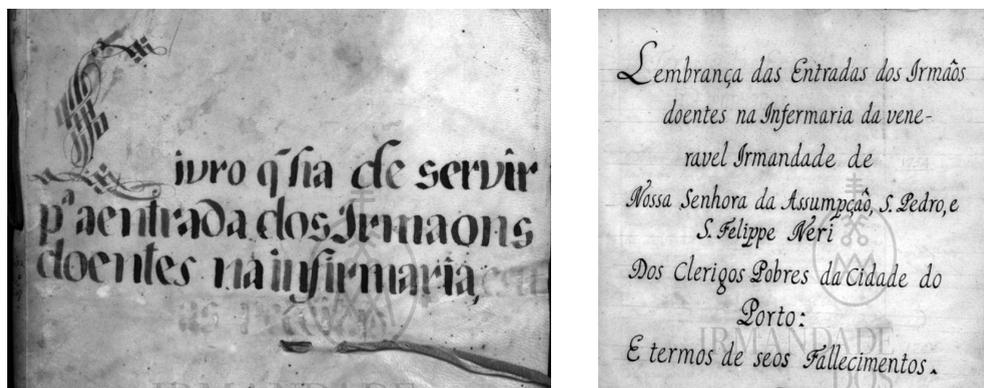


Fig. 1. Livro Entrada na Enfermaria

Fonte: AICP/IC — Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto, Requerimentos, Enfermaria Entradas e Óbitos (PT ICPRT IC/C/018/0001)

⁴ O Arquivo da Irmandade dos Clérigos do Porto encontra-se disponível em <<http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/arquivos/index.php/irmandade-dos-clerigos-do-porto>>. [Consulta realizada em 29/12/2016].

Se para a análise da função assistencial desempenhada pela Irmandade dos Clérigos do Porto forem apenas considerados os Irmãos que se encontram registados em *Enfermaria Entradas e Óbitos* para o período de tempo compreendido entre 1754 e 1828 chega-se à conclusão que foram registadas 31 entradas, sendo que alguns Irmãos deram entrada mais do que uma vez porque lhes era concedida tal possibilidade e igualmente deve ser tido em consideração que o Irmão António José Pereira de Souza foi registado duas vezes para o mesmo período de internamento. Alguns destes Irmãos vieram a falecer nas instalações do Hospital em virtude das enfermidades que padeciam, designadamente a apoplexia. Iremos em seguida exemplificar com a Figura 2 o registo de entrada de um enfermo no Hospital, o Reverendo Doutor Francisco de Paula de Figueiredo.

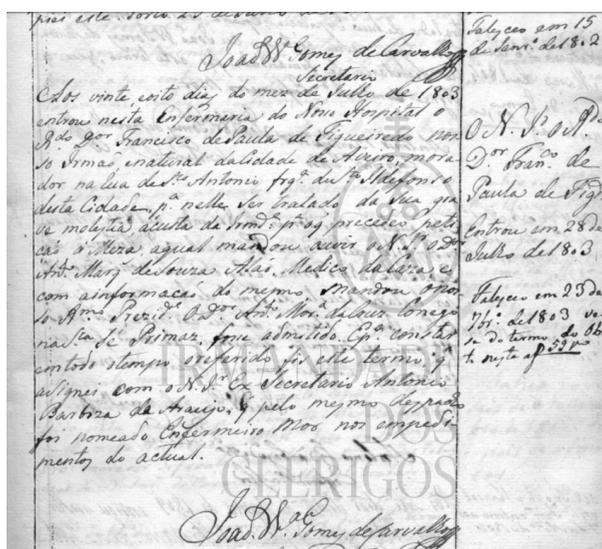


Fig. 2. Exemplo do registo de Enfermo que deu entrada no Hospital
 Fonte: AICP/IC — Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto,
Enfermaria Entradas, e Óbitos, fl. 5 (PT ICPRT IC/A/018/0001)

No registo de admissão é referido um conjunto de informações que nos permitem caracterizar o enfermo designadamente: a data em que foi admitido no Hospital, a sua naturalidade, a sua residência, a sua filiação, a função que exerce, de que moléstia padece no momento do registo da sua entrada no Hospital, o nome do Médico que o assiste. Neste exemplo em concreto, é igualmente possível verificar a data em que o doente deu entrada no Hospital e a data em que veio a falecer.

É igualmente possível verificar os gastos que a Irmandade dos Clérigos teve com a assistência prestada a cada Irmão durante o respetivo período de internamento no

Hospital. Para exemplificar, em seguida é possível observar na Figura 3 a descrição minuciosa dos gastos com o tratamento no Hospital do Irmão Domingos Ribeiro Nunes em 1755. Como se demonstra é possível observar designadamente: o nome do Médico que o tratou, o Doutor António Mena Falcão, assim como os respetivos gastos, a informação sobre outros elementos que no exercício das suas funções contribuíram para a assistência ao enfermo, o custo de alguns produtos alimentares fornecidos ao enfermo para o seu tratamento e permite-nos igualmente tomar conhecimento de quem foi o Boticário, que era designado por Nosso Irmão Reverendo João de Souza Pinto, responsável pelas receitas e respetivo custo. Sobre a Botica iremos abordar posteriormente esse assunto neste artigo.

P. Couves " - - - - -	0010
P. Cebolas " - - - - -	0050
P. Vinto " - - - - -	0040
P. hua melancia " - - - - -	0015
P. dinhr. ao Medico na junta, q' se lle fez " - -	10600
P. dinhr. ao Medico assistente o Sr. Fr. Sr. do D. Antonio Mena Falcão " - -	40800
P. vinte dias de trabalho ao Galego Dom. " - - -	0800
P. alguns dias ao Galego Silvestre " - - - - -	0360
P. dinhr. ao Galego Sr. apim da q' od' fonejo lhe devia antes, como tambem do tempo, q' se servia na Enfermaria " - -	10130
P. dinhr. ao barbeiro da barba, q' lhe fez " - - -	0120
P. 27 dias a Ama Mariana a 1000 por dia " - -	20700
P. das Recettas ao Boticario o Sr. Fr. Sr. do Joao de Souza Pinto " - - - - -	20885
P. dinhr. q' se deu a 2.ª Ama " - - - - -	0480
P. dinhr. q' se deu ao barbeiro q' lhe fez a barba depois de falecido " - - - - -	0360
P. quatro varas de fita preta " - - - - -	0240

Fig. 3. Exemplo da descrição dos gastos com o tratamento no Hospital do Irmão Domingos Ribeiro Nunes em 1755

Fonte: AICP/IC — Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto, Despesa da Enfermaria, fl. 5 (PT ICPRT IC/C/0029)

Se um Irmão viesse a falecer no Hospital o seu óbito era registado noutra documentação designadamente no Livro das Entradas e Óbitos dos Irmãos como o demonstra o seguinte exemplo na Figura 4, referente ao Irmão Reverendo Gabriel Martins de São Pedro de Avintes em Vila Nova de Gaia, que foi o Irmão que mais tempo permaneceu internado no Hospital dos Clérigos entre 1780 e 1796 pelo motivo de ser entevado e parálítico.

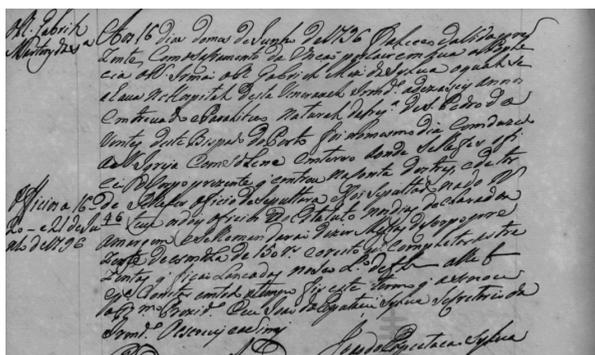


Fig. 4. Exemplo de registo de óbito do Irmão Reverendo Gabriel Martins
 Fonte: AICP/ IC — Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto, Entradas e Óbitos dos Irmãos,
 Livro das Entradas e Óbitos dos Irmãos, fl. 308v (PT ICPRT IC/A/004/0002)

Este exemplo demonstra que é fundamental analisar e verificar outros fundos e outros registos do Arquivo da Irmandade dos Clérigos para se ter uma ideia mais concreta da dimensão da função assistencial desempenhada pela Irmandade. Porque é dessa forma que foi possível constatar que em fevereiro de 1843 o Irmão Francisco Moreira de Carvalho⁵ solicitou à Mesa da Irmandade para receber assistência tendo sido diagnosticado pelo Doutor Manuel Joaquim dos Santos no dia 22 de fevereiro de 1843, após ter sido requisitado pelo Presidente da Mesa em 21 de fevereiro de 1843. Após o diagnóstico, o Irmão Francisco Moreira dos Santos foi internado no Hospital dos Clérigos. Na documentação é possível igualmente obter-se informação sobre os montantes⁶ gastos com tratamento do Irmão em cada mês do ano de 1843 em que esteve em internamento, até à data do seu falecimento em maio de 1843. Contudo, o nome deste Irmão não consta do *Registo de Entradas e Óbitos da Enfermaria*, que só possui registo de enfermos até 1828.

Também é possível obter noutros registos na documentação que comprova que em 13 de fevereiro de 1841 o Médico Manoel Joaquim dos Santos⁷ requereu para ser admitido como Médico da Irmandade dos Clérigos do Porto. Ocorrendo situação semelhante com o Médico Luís António Pereira da Silva⁸ que foi admitido a 3 de março de 1846 e com o Médico-Cirurgião António José de Sousa⁹ em 22 de fevereiro

⁵ AICP — Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto: Requerimentos, Requerimentos Para escolas para admissão de Capellarias e varios objectos. Fólio não numerado nem rubricado, ICPRT IC/A/018/0004.

⁶ AICP — Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto, Diários e Caixa Geral, Diário n.º 3, fl.21 – ICPRT IC/A/017/0008.

⁷ AICP — Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto, Entradas e Óbitos dos Irmãos, Livro das Entradas e Óbitos dos Irmãos, fl. 192 – ICPRT IC/A/004/0002.

⁸ AICP — Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto, Entradas e Óbitos dos Irmãos, Livro das Entradas e Óbitos dos Irmãos, fl. 198 – ICPRT IC/A/004/0002.

⁹ AICP — Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto, Entradas e Óbitos dos Irmãos, Livro das Entradas e Óbitos dos Irmãos, fl. 223-223v – ICPRT IC/A/004/0002.

de 1866. Estes requerimentos foram efetuados em datas posteriores à data final que se supunha que o Hospital dos Clérigos tinha desenvolvido a sua função assistencial.

Por outro lado é igualmente necessário ter em consideração que a Irmandade dos Clérigos desempenhava uma importantíssima função assistencial domiciliária aos seus Irmãos e que essa informação não consta do *Livro de Enfermaria Entradas e Óbitos da Irmandade*.

Antes de referirmos a assistência domiciliária prestada aos Irmãos é necessário referir de que forma um Irmão podia solicitar essa assistência e se era assistência seria concedida.

2. REQUERIMENTO PARA RECEBER ASSISTÊNCIA

Um Irmão que padecesse de alguma moléstia e necessitasse de recorrer a tratamento necessitava de dirigir um ofício ao Presidente da Mesa, relatando o mais minuciosamente possível a enfermidade de que sofria. A seguinte imagem da Figura 5 corresponde ao primeiro ofício de pedido, em que temos acesso ao modo como um Irmão descrevia a sua moléstia. Este documento faz parte do fundo *Entradas de Irmaons Aceitaçãoens de Cappelaens Licenças dos mesmos Varias cartas que nada valem*, que possui uma enorme quantidade de documentos sobre os mais diversos assuntos.

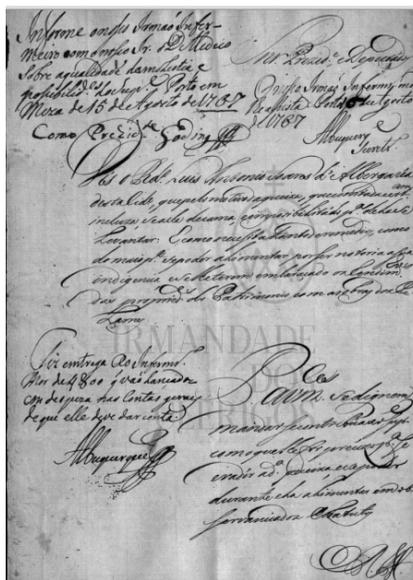


Fig. 5. Requerimento para receber assistência do Irmão Luís António Soares de Albergaria em 1767
 Fonte: AICP/IC — Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto, *Requerimentos, Entradas de Irmaons Aceitaçãoens de Cappelaens Licenças dos mesmos Varias cartas que nada valem*, fl. não numerado (PT ICPR IC/A/018/0001)

Este pedido de admissão é relevante porque este mesmo requerimento continuará a ser utilizado durante um largo período de tempo, designadamente ao longo do final do século XVIII e ao longo do século XIX, pelos Irmãos que tivessem necessidade de recorrer à ajuda da Irmandade, por motivos de enfermidade ou de escassez de recursos económicos. O fluxo de informação presente no requerimento processava-se da seguinte forma. O Irmão redigia um ofício ao Presidente da Mesa. Ao receberem o ofício o Presidente da Mesa e a Mesa averiguavam a situação em questão. Pediam ao Enfermeiro/Médico/Cirurgião, dependendo de quem estivesse disponível, para avaliar a situação clínica do requerente. O diagnóstico era objetivo, claro, de acordo com as melhores terapêuticas da época de forma a permitir que o Presidente da Mesa e a Mesa pudessem decidir da melhor forma possível de acordo com a informação clínica recebida. Em seguida, na Figura 6, é possível observar o exemplo de um diagnóstico realizado ao requerente.

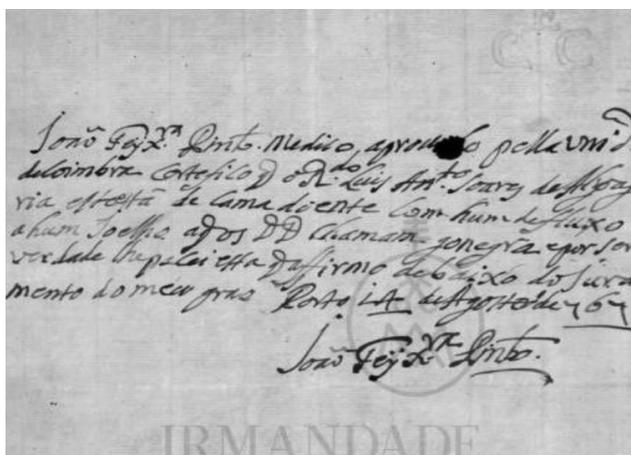


Fig. 6. Exemplo de diagnóstico efetuado ao Irmão Luís António Soares de Albergaria

Fonte: AICP/IC — Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto, Requerimentos, Entradas de Irmãos Aceitações de Cappelaens Licenças dos mesmos Varias cartas que nada valem, fólio não numerado (PT ICPRT IC/A/018/0001)

Posteriormente, o Presidente da Mesa e a Mesa decidiam de acordo com a informação da avaliação clínica recebida, sendo que existiam as seguintes possibilidades: se fosse comprovado que o requerente padecia de uma moléstia podia receber assistência médica no Hospital dos Clérigos ou no seu domicílio e/ou assistência pecuniária para tratamento da sua enfermidade. Contudo, se o diagnóstico viesse a demonstrar que o requerente não padecia de nenhuma moléstia, o requerente tinha o seu pedido indeferido.

Este requerimento permite perceber a dinâmica de funcionamento da Irmandade e pretende demonstrar que a Irmandade é capaz de aceitar a presença de personalidades

com interesses sociais diversos, mas que fazem parte da identidade coletiva da Irmandade e que trabalham em prol da defesa dos interesses da Irmandade.

Não foi encontrado nenhum elemento documental, nem enquadramento legal da Irmandade que limitasse o número de pedidos que um Irmão podia realizar. Sempre que o Irmão sofresse de uma moléstia podia redigir o seu pedido de assistência. Note-se que este mesmo processo era realizado para os Irmãos que recebiam a sua assistência médica no seu domicílio e que por esse motivo não se encontram registados no livro da Enfermaria Entradas e Óbitos.

3. UM IRMÃO NOTÁVEL A RECEBER ASSISTÊNCIA: NICOLAU NASONI

Entre as várias personalidades das mais diversas categorias sociais que sentiram a necessidade de recorrer à assistência fornecida pela Irmandade dos Clérigos encontram-se algumas notáveis, com primazia para o insigne Arquitecto Nicolau Nasoni que foi o responsável pela construção da Igreja, Torre e Hospital dos Clérigos, entre outras edificações, não só na cidade do Porto como noutras localidades em Portugal. Em dezembro de 1772 Nicolau Nasoni endereçou um requerimento ao Presidente e Deputados da Irmandade para receber assistência. Como se pode observar na Figura 7, no pedido efetuado Nicolau Nasoni declara-se enfermo e indigente e pede inicialmente para ser assistido no Hospital da Irmandade dos Clérigos. Contudo, por sofrer de queixa de peito e devido a muita velhice, suplicava para receber assistência domiciliária em virtude de ter a sua filha donzela por companhia.

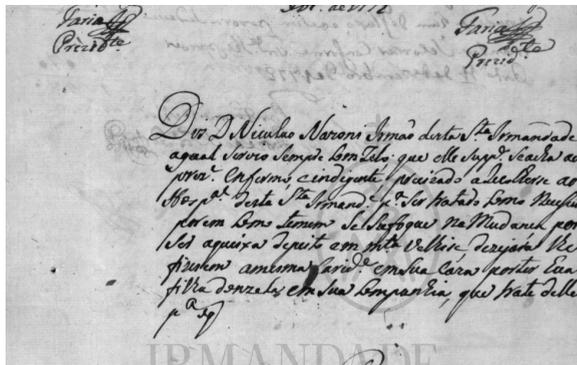


Fig. 7. Descrição do pedido de assistência feito pelo Irmão Nicolau Nasoni

Fonte: AICP/IC — Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto, Contas e Recibos, Recibos dos annos de 1759 até 1783, fôlio não numerado nem rubricado (PT ICPRT IC/A/A016/0001)

Em virtude deste pedido que efetuou veio a receber assistência domiciliária fornecida pela Irmandade dos Clérigos, assistência essa que recebeu até à data do seu

falecimento em 1773. Conforme se pode observar na Figura 8 foi possível encontrar a documentação que comprova quando recebeu a assistência, determinar a pessoa, o Enfermeiro-Mor José Ferreira da Silva Porto, que se deslocava a sua residência para lhe prestar assistência, e qual foi o custo da assistência domiciliária prestada.

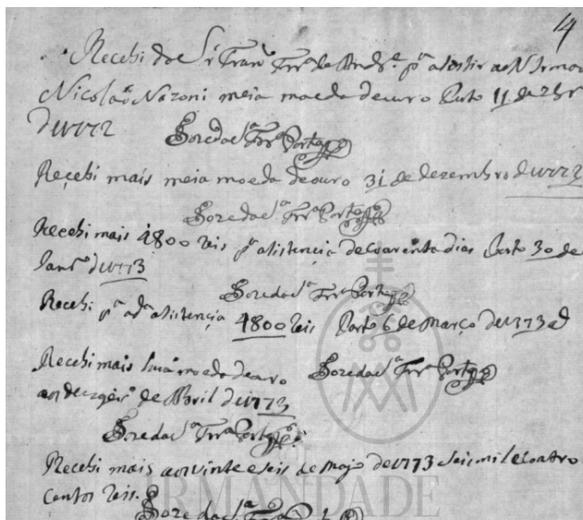


Fig. 8. Custo da assistência domiciliária prestada a Nicolau Nazoni

Fonte: AICP/IC — Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto, Contas e Recibos, Recibos dos annos de 1759 até 1783, fólio não numerado nem rubricado (PT ICPRT IC/A/A016/0001)

4. BOTICA

Quando referimos a assistência prestada aos enfermos, é natural pensarmos na Botica, sobretudo se tivermos em consideração que esta comunicação é realizada no Museu da Farmácia em Lisboa, que possui um notável espólio relativo a este tema e que permite a qualquer visitante tomar conhecimento da evolução da Botica ao longo dos tempos.

No que se refere em concreto ao Hospital dos Clérigos é possível em alguma documentação encontrar referências aos remédios utilizados na assistência a cada enfermo assim como de alguns instrumentos médico-cirúrgicos adquiridos como se pode observar na Figura 9 onde é referido que em 27 de agosto de 1765 foram adquiridos para utilização no Hospital da Irmandade dos Clérigos «hua bacia e jarra de estanho», «hua seringa de estanho», «tres duzias de ventozas», «linho para as ditas», «huns vidros condocentes para remedios», entre outros elementos adquiridos que perfaziam um total de 8\$170 réis.

Fig. 9. Exemplo de Despesas efetuadas para o Hospital dos Clérigos em 1765

Fonte: AICP/IC — *Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto, Contas e Recibos, Recibos dos annos de 1759 até 1783*, fôlio não numerado nem rubricado (PT ICPRT IC/A/A016/0001)

Seria de supor que fosse possível encontrar com mais frequência documentos que permitissem demonstrar a evolução ao longo do tempo da aquisição de elementos como os referidos na Figura 9. Contudo, é escassa a documentação que foi possível encontrar. Uma das hipóteses a considerar é que provavelmente os profissionais de saúde, designadamente os Médicos, pudessem levar consigo os instrumentos de que necessitavam para o tratamento do enfermo.

No que se refere à Botica propriamente dita não se encontrou documentação a referir a localização de um espaço físico no interior do Hospital dos Clérigos destinado para este propósito ou de um espaço que permitisse a elaboração dos remédios. Para auxílio nesta pesquisa foi possível inclusivamente contar com a documentação referente ao *Inventário da Enfermaria* como se pode observar na Figura 10. O *Inventário* do Hospital dos Clérigos está dividido em secções como Altar da Enfermaria, Sacristia, Casa da Enfermaria, Roupa de Cama, Serviço e Mesa, Cozinha, Alfaias Diversas. Este *Inventário* possui uma descrição minuciosa para cada uma destas secções, o que nos permite ter uma ideia muito precisa de como foi a evolução do Hospital dos Clérigos ao longo dos tempos.

Fig. 10. Descrição do *Inventário* do Hospital dos Clérigos do Porto

Fonte: AICP/IC — *Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto, Inventário da Enfermaria*, fl. 3 (PT ICPRT IC/C/068/0001)

Contudo, não existe referência à existência de uma Botica¹⁰ no interior do Hospital dos Clérigos que permitisse armazenar os remédios ou preparar os remédios necessários de acordo com a enfermidade que cada enfermo padecia. Contudo, é possível saber que o Hospital dos Clérigos possuía um Boticário que muitas vezes desempenhava a função de Reverendo como o demonstra o exemplo referido na Figura 3.

CONCLUSÃO

Na investigação realizada foi possível comprovar que o Hospital da Irmandade dos Clérigos existiu até 1924, altura em que as funções para as quais foi originalmente concebido desapareceram, tendo sido o espaço físico do Hospital reconvertido¹¹ em quartos para acolhimento de sacerdotes.

Atualmente nesse espaço está patente ao público uma exposição¹² intitulada: «Coleção Cristos» que é composta por cerca de 400 Cristos em diferentes materiais, nomeadamente: madeira, marfim, prata ou pintados em telas de diferentes formas e tamanhos, tendo sido este espólio doado pelo benemérito António Manuel Cipriano de Miranda.

Este artigo representa um vislumbre da riqueza documental que possui o Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto.

ABREVIATURAS E SIGLAS

Fl. — Fólio

IC — Irmandade dos Clérigos

ICP — Irmandade dos Clérigos do Porto

ICPRT — Irmandade dos Clérigos do Porto Portugal

n.º — número

PT — Portugal

v. — verso

¹⁰ Gostaria de endereçar uma palavra de agradecimento ao Diretor do Museu da Farmácia Doutor João Neto que muito gentilmente sugeriu que efetuasse uma pesquisa nas Farmácias na área envolvente dos Clérigos porque poderia ser muito provavelmente o local onde os remédios deveriam ser adquiridos.

¹¹ AICP/IC — *Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto*, Actas da Mesa, Actas, fl. 75v – ICPRT IC/A/034/0005.

¹² AGUIAR, 2016.

FONTES

Arquivo da Irmandade dos Clérigos do Porto

AICP — *Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto. Actas da Mesa, Actas*, sr. 034, d. 005. Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto.

AICP — *Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto. Contas e Recibos, Recibos dos annos de 1759 até 1783*, sr. 016, d. 0001.

AICP — *Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto. Diários e Caixa Geral, Diário n.º 3*, sr. 017, d. 0008.

AICP — *Mesa da Irmandade dos Clérigos do Porto. Entradas e Óbitos dos Irmãos, Livro das Entradas e Óbitos dos Irmãos*, sc. A, sr. 004, d. 0002.

AICP — *Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto. Enfermaria Entradas, e Óbitos*, d. 0028.

AICP — *Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto. Livro 3 do Fundo do Nosso Hospital* sr. 029, d. 0003.

AICP — *I Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto. Inventário da Enfermaria*, sr. 068, d. 0001.

AICP — *Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto. Despeza da Enfermaria*, d. 0029.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Padre Américo coord. (2016) — *Christus*. Porto: Irmandade dos Clérigos.

ARQUIVO da Irmandade dos Clérigos do Porto. Disponível em <<http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/arquivos/index.php/irmandade-dos-clerigos-do-porto>>. [Consulta realizada em 29/12/2016].

COSTA, Padre Agostinho Rebêlo da Costa (1945) — *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Pôrto*. 2.ª Ed. Porto: Tipografia da Livraria Progredior. Com a carta de Tomaz Modessan e algumas palavras prévias de A. De Magalhães Basto.

COUTINHO, B. Xavier (1965) — *A Igreja e a Irmandade dos Clérigos. Apontamentos para a sua História*. Porto: Publicações da Câmara Municipal do Porto. Gabinete de História da Cidade. Documentos e Memórias para a História do Porto — XXXVI.

LEMOS, Maximiano (1925) — *História do Ensino Médico no Porto*. Porto: Tipografia a Vapor da «Enciclopédia Portuguesa».

MONTEIRO, Prof. Hernâni (1926) — *Origens da Cirurgia Portuense*. Porto: Araújo & Sobrinho.

SANTOS, António Miguel da Silva (2015) — *Hospital da Irmandade dos Clérigos do Porto (1754-1924). A memória dos doentes e profissionais de saúde*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado.

